

Dennison de Oliveira (org.)

Guia do Museu do Expedicionário 2012

Guia de visitação para o Museu do Expedicionário (MEXP), Curitiba/PR, elaborado por estudantes ligados aos Cursos de História da UFPR. Versão preliminar. Permitida a reprodução desde que citada a fonte.

Curitiba
junho/2012

Sumário

70 anos da entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial	03
Torpedeamentos e guerra naval	04
Forças aliadas na Itália e suas dificuldades.....	05
Oficiais da FEB de Alto-Escalão	06
Armamentos	07
Comunicações	08
Sentando a Pua: FAB e a guerra aérea	09
Armas Portáteis da FEB	10
Enfermagem	11
Acampamento	13
Forças do Eixo	15
Propaganda na Segunda Guerra Mundial.....	16
A Guerra que não acabou: pós-Guerra, luta pelos direitos e a Legião Paranaense do Expedicionário.....	17
História da Legião Paranaense do Expedicionário e Memória de Guerra	19
Max Wolf Filho	20
Representações da Morte	21
Hiroshima e Nagasaki	22
Curitibanos na Luftwaffe: histórias quase anônimas	24
Referências	25

Brasil e Estados Unidos da América na Segunda Guerra Mundial

Dennison de Oliveira¹

Em 22 de agosto desse ano completam-se 70 anos da declaração de guerra do Brasil à Alemanha nazista. Trata-se de uma data da maior importância para se pensar a inserção do Brasil nas relações internacionais, em particular no que se refere as relações com os EUA e as potências europeias. Naquele ano de 1942 o Brasil finalmente se alinhou de forma definitiva com os EUA, ao assinar importantes tratados militares e comerciais com os norte-americanos e algum tempo depois romper relações diplomáticas com a Alemanha, Itália e Japão.

A conjuntura da Segunda Guerra Mundial é marcada por uma nova etapa das relações entre a América Latina e os EUA. Necessitando do apoio de toda América Latina para um futuro enfrentamento com as potências nazi-fascistas, os EUA abandonam sua antiga política de enfrentamentos e conflitos com os países da região. Troca-se a política do “big stick” (grande porrete) pela da “boa vizinhança”, na qual teve papel fundamental a divulgação e propaganda do modo de vida norte-americano (american way of life) entre os latino-americanos. Para os interesses norte-americanos era fundamental convencer os povos da região da superioridade do seu modo de vida, evitando ao máximo os perigos da adesão à ideologia nazista ou fascista.

O auge do envolvimento militar do Brasil com os EUA foi o envio da Força Expedicionária Brasileira para lutar sob o comando do V Exército norte-americano na Campanha da Itália. Era um efetivo de 25.000 homens, metade deles compondo a 1ª. Divisão de Infantaria Expedicionária, e a outra metade órgãos de apoio. A experiência de combate dos brasileiros na Itália foi um momento importante do processo de “americanização” das nossas forças armadas. Também na sociedade brasileira foi intensa a “americanização” de hábitos de consumo, modos de agir e falar, etc.

A dominação cultural e a adesão a novos modos de agir e pensar também coexiste com a resistência e a assimilação. No seu “Manifesto Antropofágico” publicado em 1928 Oswald de Andrade já se referia a incrível capacidade da cultura brasileira adaptar, aproveitar, incorporar todo tipo de elemento cultural vindo de fora de forma mutante e “devoradora”. Se existiu – como existe – a “americanização” é importante levar em conta que se trata de um processo que nunca ocorre de forma completa, pura ou em mão-única. O Museu do Expedicionário (MEXP) tem em seu acervo valiosas indicações dos limites e possibilidades desse processo cultural.

¹ Coordenador do Programa de Extensão Universitária “Guia do Museu do Expedicionário”, PROEC/UFPR, 692/12. Autor de “Os soldados brasileiros de Hitler” e “Os soldados alemães de Vargas”, ambos publicados pela Editora Juruá, Curitiba, 2008.

Torpedeamentos e guerra naval - Sala José Dequech

Nikesara Luana de Jesus²

A primeira sala do museu do expedicionário é nomeada José Dequech, uma homenagem ao sargento auxiliar de uma das companhias de obuses da FEB e importante membro da Legião Paranaense do Expedicionário (LPE). O acervo exposto na sala nos leva entender os principais motivos que levaram o Brasil a guerra.

O acervo contém fardas da marinha (de gala e serviço), peças de navios brasileiros como bussolas e molas, além de quadros com reportagens sobre os ataques de submarinos (*Unterseeboats* ou *U-Boats*) alemães a barcos civis brasileiros. No centro da sala, a mesa de vidro expõe uma seleção de utensílios da marinha, como lanterna, sextante e bussolas; a parte mais marcante do acervo talvez sejam os quadros com os nomes de nossos navios atacados, numero de mortos em cada ataque, assim como os submarinos que os atacaram e seus comandantes. Outro quadro expõe a foto desses comandantes. Mas porque o Brasil foi a guerra?

Quando a guerra começou o Brasil oficialmente se declarou neutro, porém como contava com muitas matérias primas atraiu interesses dos países envolvidos na guerra, entre eles os EUA. O Brasil aceitou dinheiro americano para investir em industrialização e em troca disso, cedeu aos americanos 8 bases navais e permitiu a construção de diversos aeroportos, inclusive o de Curitiba, que alegavam usar para proteger o país dos ataques do Eixo. Em dezembro de 1941 a base naval norte-americana de Pearl Harbor é atacada pelos japoneses e, em resposta, o Brasil rompe relações econômicas e diplomáticas com o Eixo em janeiro de 1942.

Diante dessas atitudes a Alemanha passou a desconsiderar o Brasil como um país neutro, e torpedeou muitos de nossos navios mercantes. Os navios foram atacados a noite, não dando chance as pessoas de se defenderem. Morreram nesses ataques alemães cerca de 1000 pessoas.

A população brasileira, que não estava ciente dos acordos do Brasil e EUA, entenderam os ataques alemães como uma covardia, e começaram a clamar por vingança, por justiça a seus mortos. Porém, apenas em 1943, após o célebre encontro do presidente dos EUA Roosevelt com o presidente Vargas é criada a Força Expedicionária Brasileira, para vingar nossos mortos “covardemente atacados”.

² Estudante do Curso de Bacharelado e Licenciatura em História/UFPR. E-mail: nikesara_luana@hotmail.com

Forças Aliadas na Itália e suas dificuldades

Andre Felipe Nakano Teixeira³

A campanha italiana foi marcada por várias dificuldades enfrentadas pelas tropas aliadas. A sala que fica próximo a entrada do MEXP pode expor sutilmente alguns destes fatores. A topografia italiana era muito irregular, principalmente na região dos Apeninos, local onde ocorreram muitas batalhas enfrentadas pelos soldados brasileiros. O deslocamento e os combates se davam na maioria dos casos a pé, ao contrário das batalhas com blindados como nas planícies francesas e russas. Até mesmo os transportes de suprimentos para os combatentes que estavam em linhas avançadas eram feitos por mulas de carga, porque eram o único meio de transporte que transpassava as barreiras geográficas italianas com eficiência. O que dizer então do inverno de 1944, que foi um dos mais rigorosos que se abateram sobre a região em décadas? Lá também estavam os pracinhas brasileiros, improvisando com palha e papel dentro dos calçados, para não terem o famoso pé de trincheira, comum em áreas de frio extremo.

O apoio logístico americano foi indispensável, pois nosso exército estava despreparado naquele momento crítico de guerra. Deles vieram nossas armas, uniformes de frio, as rações diárias, alojamentos, dentre muitos outros equipamentos que também estão expostos no Museu e que o nosso exército não dispunha na época. Mas também os brasileiros foram de muita valia para os combates na Itália, pois os americanos estavam desenvolvendo operações na França que demandava muitos homens e recursos desviados da campanha italiana, e a FEB pode cobrir parte deste buraco criado pelos EUA. Essa integração com o Exército Americano (5º Exército comandado pelo Gen Mark Clark, presente em alguns quadros desta sala), teve uma complicação trivial com a comunicação. É que a grande maioria dos oficiais da FEB “só” falavam os idiomas francês e espanhol, ignorando o inglês.

O combate enfrentado pela FEB na Itália se deu em parte com italianos, divididos entre os que aderiram aos Aliados e os que permaneceram fiéis ao regime fascista de Mussolini. Mas a maioria dos combates foi com tropas alemãs, que tinham em suas fileiras, tanto homens cansados da luta, completadas por velhos e adolescentes, quanto experientes veteranos da frente russa. Para os que vinham das batalhas sangrentas da Rússia, a defesa da Itália, local de importância geopolítica e estratégica para a Alemanha, era equivalente a um parque de diversões, pois era um terreno fácil de defender, do alto das montanhas dentro de defesas bem desenvolvidas. Em contrapartida, o ataque a fortificações por parte dos Aliados era

³ Estudante do Curso de Bacharelado e Licenciatura em História/UFPR. E-mail: nakano.teixeira@hotmail.com

difícil e muito lento. Somente a conquista Monte Castello, local de muita simbologia por parte do exército, tiveram 5 tentativas, na qual o intervalo do primeiro ataque até o sucesso dos brasileiros, levaram-se 3 meses (24/11/44 a 21/02/1945).

Nossa maior dificuldade hoje é o desinteresse da sociedade, bem como de de pesquisadores, pela história dos pracinhas brasileiros, que combateram e morreram tão longe de casa. Uma grande quantidade dos livros didáticos atuais tem pouquíssimas páginas para falar da Segunda Guerra Mundial, guerra que modificou completamente o panorama mundial em poucos anos e que muito do que aconteceu nesta época está correlacionado ao nosso dia-a-dia. O que se falará então da Campanha da Itália, ou quem sabe, qual foi a atuação do Brasil na guerra? Muito pouco. Quais foram as causas e consequências para a política brasileira? Será que sofreram dificuldades? E depois da guerra, como ficaram estes combatentes, se ainda estão vivos e o que eles nos tem a oferecer de experiência, de histórias? O MEXP neste contexto tem muito a nos oferecer. O acervo, não só desta sala, mas o museu inteiro e até mesmo como e por que foi construído foi construído, nos faz aprender muito sobre quem sofreu dificuldades antes, durante e após a guerra.

Oficiais da FEB de Alto-Escalão

Filipe Marcel Brito de Souza⁴

A sala Thomaz W. Iwersen abriga, dentre outras peças, quadros com fotos da campanha da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial. Notamos, nestes quadros, a presença de figuras de comando da FEB como Mascarenhas de Moraes, Euclides Zenóbio da Costa, Osvaldo Cordeiro de Farias, Floriano de Lima Brayner, dentre outros.

Destaca-se a figura de Mascarenhas de Moraes, que atingiu o generalato logo após a decretação do Estado Novo, em 1937, e em outubro de 1943 assumiu o comando da FEB. Em junho de 1944, seguiu para a Itália juntamente aos primeiros contingentes militares do Brasil enviados ao conflito, seguindo na Europa até o fim da guerra. Após guerra recebeu a patente de Marechal, e posteriormente tornou-se chefe do Estado-maior das Forças Armadas, em 1953. Euclides Zenóbio da Costa tornou-se General de Brigada em 1942, e em seguida foi enviado aos EUA para realizar cursos de aperfeiçoamento militar. Ainda nesse ano, ingressou como voluntário na Força Expedicionária Brasileira, sendo designado comandante do 1º escalão da FEB, enviado para a Europa em julho de 1944. Sob sua chefia, as forças brasileiras empreenderam as operações que resultaram na tomada de Monte Castello e outros pontos importantes. Teve atuação no governo após a guerra, chegando ao posto de

⁴ Estudante do Curso de Bacharelado e Licenciatura em História/UFPR. E-mail: fycell@hotmail.com

Ministro da Guerra, durante a crise política que levaria ao suicídio do presidente Vargas (1954).⁵

A questão que pode ser suscitada é a do destaque dado a estes oficiais que, a despeito de seus méritos e dos riscos percebidos no conflito, não sofreram mazelas decorrente da guerra como os militares de baixa patente, notadamente os integrantes da infantaria, afetados por consequências nocivas no decorrer do conflito e posteriormente, durante seu o processo de reintegração a sociedade brasileira. Estes oficiais retornam ao Brasil, e assumem papel de protagonismo, contrastando com destino da FEB e da maioria de seus integrantes, marginalizados e esquecidos.

O destaque dado a esses oficiais, dentro de um espaço dedicado a memória do expedicionário, talvez deva ser melhor problematizado, visando assim destacar este contraste entre a dura realidade enfrentada pelo expedicionário durante e depois da guerra, e a posição destes oficiais de carreira frente a este cenário.

Armamentos

Felipe Souza⁶

Dentro do museu do expedicionário, encontramos a exposição que trata de alguns dos armamentos utilizados pela FEB durante a Segunda Guerra Mundial. São metralhadoras que foram adquiridas pelas forças armadas brasileiras, em sua totalidade, antes desse conflito, e nos levam a formular questionamentos sobre a precariedade das forças de defesa. São armamentos produzidos por diversas nações, sem apresentar um consenso acerca das metralhadoras que serviriam para a utilização de nossos soldados. Em outras palavras, pode-se concluir que existiu um grande número de modelos a disposição do exército e da marinha, o que parece ser um descaso das nossas forças militares em padronizar seus militares com os melhores exemplares a serem utilizados, ou o melhor exemplar. Isso poderia ser solucionado tranquilamente a partir de conclusões em pesquisas e usos, embora os investimentos necessários para a obtenção em grande número desses ou desse melhor modelo fossem dificultados pela crise econômica iniciada em 1929.

Outro fator a ser levado em conta é o fato que durante o contexto da guerra houve uma adaptação da FEB ao modelo militar norte americano, que substituiu o sistema de guerra francês, considerado à época, já obsoleto. Ou seja, não apenas os nossos treinamentos como também as nossas armas tiveram que, na sua maioria,

⁵ <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias>

⁶ Estudante do Curso de Bacharelado e Licenciatura em História/UFPR. E-mail: felipegbsouza@gmail.com

serem deixadas de lado, para que o Brasil fosse a Itália guerrear com armas e métodos muito mais modernos, disponibilizadas pelos EUA,.

A partir desse conhecimento, podemos abordar então, o contexto brasileiro anterior à eclosão dessa guerra e como essa nação estava atrasada, militarmente, em relação as demais potências mundiais. Como exemplo, podemos nos questionar como seria a participação do Brasil caso esse não tivesse recebido o auxílio norte americano para essa modernização em nossos armamentos. Outro ponto interessante para se abordar são as condições brasileiras em se adaptar a essa modernização militar forçada, uma vez que é de fácil se perceber a dificuldade em se acostumar com um novo tipo de armamento, muito mais potente e preciso quando comparado a diversidade de modelos de metralhadoras com as quais os soldados brasileiros até então tinham que conhecer e aprender a utilizar.

Finalizando, podemos observar no local a lista desses armamentos, com suas características de uso e funcionamento, além de seu local de produção, o que exemplifica o objetivo dessa crítica em mostrar a precariedade do nosso exército em fornecer armamentos padrão, além, óbvio, de depender de diversos fornecedores, como EUA, França e, até mesmo, a própria Itália, com quem mais tarde guerreamos nesse conflito.

Comunicações

Noeli V. J. S. Augusto⁷

O museu possui em exposição aparelhagens de comunicação que foram usadas na Segunda Guerra, entre elas estão: telégrafo, telefone de campanha, rádios frequência, rolos de cabos telefônicos, aparelhos fixos de rádio e mesa de telefonia.

Os equipamentos de comunicação foram uma ferramenta fundamental na Segunda Guerra Mundial. Apesar de pombos ainda terem sido usados em regiões mais isoladas, o rádio frequência devido a sua instantaneidade foi um aparelho de grande eficácia por ajudar na movimentação das tropas e na troca de informações entre os soldados no *front*. Estes equipamentos deveriam ser compactos, de fácil manuseio e reparo, pois o sucesso das operações de guerra, e a segurança dos soldados dependiam muito de seu bom funcionamento. Mesmo sendo os aparelhos mais modernos da época tinham muitas limitações, como por exemplo: baterias frágeis, antenas e fiações de telefones bastante vulneráveis á danos causados pelos inimigos, obstáculos naturais e condições climáticas desfavoráveis à propagação das ondas radioelétricas etc.²

⁷ Estudante do Curso de Bacharelado e Licenciatura em História/UFPR. E-mail: noeliaugusto@gmail.com

As posições de vigilância e defesa imediata na linha de frente eram guarnecidas de telefones, em ligação com o comando do Pelotão a que eram subordinados, os comandantes de Pelotões utilizavam rádios portáteis que os ligavam ao comando de suas companhias, que possuíam rádios de mesa, que os ligavam ao comando do Regimento ou da Divisão.

Ao observar esta coleção percebemos a evolução tecnológica das comunicações e que muitos aparelhos desenvolvidos para a guerra, deram origem aos equipamentos usados por nós hoje.

Sentando a Pua: FAB e a guerra aérea

Angelita de Paula⁸

Jacqueline Monteiro dos Santos⁹

No ano de 1944, um importante acontecimento, que atualmente passa despercebido ou pouco conhecido por parte dos brasileiros, marcaria o Teatro de Operações no cenário italiano: o envio do 1º Grupo de Aviação de Caça da Força Aérea Brasileira (1ºGAvCa). Este grupo, atuando na Segunda Guerra Mundial entre outubro de 1944 e maio de 1945, integrou o 350th Fighter Group da Força Aérea do Exército dos EUA como Esquadrão de Caça.

Como homenagem a este grupo, há no MEXP a sala Alberto Torres, localizada no andar superior, e que é ocupada então pela história da FAB (Força Aérea Brasileira) e a guerra aérea. A principal representação é do 1º Grupo de Aviação de Caça, mais conhecido como *Senta a pua*. Quanto a esse grupo, estão expostas ilustrações e fotografias que representam tanto os aviões utilizados pelo grupo como de seus cotidianos na guerra. É de destaque também a presença de diversas miniaturas, sem no entanto uma explicação devida a respeito delas. Entretanto um dos fatos que mais chama a atenção nesta sala é a predominância das referências ao veterano Eronides João da Cruz, veterano do 1º Grupo de Caça. Sua participação na Segunda Guerra não foi nos combates – era soldado de manutenção do grupo. A discussão que se levanta aqui é o porquê dessa grandiosa presença. Afinal de contas, há tantos outros importantes nomes para a FAB que sequer foram retratados nesta sala.

Além disso, outro aspecto de relevância na sala é a presença, em quase todo o ambiente, do conhecido distintivo do 1º Grupo de Aviação de Caça: a imagem de um valente avestruz armado com uma pistola e defendido por um escudo e com os escritos “Senta a Pua!”. Tal representação, visível em todos os cantos da sala,

⁸ Estudante do Curso de Bacharelado e Licenciatura em História/UFPR. E-mail: angelitadepaula@gmail.com

⁹ Estudante do Curso de Bacharelado e Licenciatura em História/UFPR. E-mail: jacquelinesantos@live.de

incluindo uma escultura de metal escuro, vitrines, fotografias dos membros do 1º Grupo na Itália, desenhos dos aviões utilizados pelos brasileiros, uniformes de combate, bandeira, e documentos de época, contudo, não é problematizado e parece ser utilizado como uma simples ilustração. Diante de tal situação, algumas questões podem ser levantadas: qual o significado do termo “Senta a Pua!”? O que o emblema representava?

A expressão “Senta a Pua” utilizada pelos homens do 1ºGAvCa como grito de guerra do grupo significava rapidez, velocidade, aceleração. Era comum, neste sentido, “*ouvir frases assim: ‘Hoje vou sentar a pua no vôo noturno’ ou então [...] ‘Senta a Pua! Numero quatro, estás atrasado’*” (LIMA, 1980: 39). Com o grito de guerra já escolhido, faltava o símbolo. A marcante imagem do avestruz pintada nos P-47 Thunderbolt utilizados pela FAB no Teatro de Operações surgiu a bordo do *UST Colombie* na ida do 1º Grupo à Livorno, na Itália. Desenhado pelas mãos do Capitão Fortunato Câmara de Oliveira, o emblema era composto por um grande círculo vermelho envolvido por uma faixa dupla verde-amarela, que representava, respectivamente, o sangue derramado pelos pilotos mortos e os feridos em combate e o Brasil; um bravo avestruz, que voando entre as nuvens munido de arma e armadura, demonstrava a velocidade e maneabilidade dos P-47, seu poder de fogo e robustez; e, ainda, uma nuvem com vários estilhaços saindo dela, que representava a ação antiaérea inimiga (LIMA, 1980: 40).

O símbolo, portanto, não foi utilizado como um simples ornamento ou decoração: era uma maneira dos aviadores, oficiais, suboficiais e soldados do 1ºGAvCa se identificarem coletivamente, seja como integrante do grupo “Senta a Pua!” ou como americano e, sobretudo, brasileiro.

Armas Portáteis da FEB

Gabriel Kotaka de Orte¹⁰

Quando observamos a sala das armas portáteis, localizada no segundo andar deste museu, podemos encontrar diversos modelos de armamentos utilizados pela FEB durante sua campanha na Itália.

Podemos então falar dos fuzis utilizados na campanha da Itália durante a Segunda Guerra Mundial. O primeiro a ser considerado é o M1-Garand. Um clássico presente nos famosos jogos de *videogame*, tais como *Medal of Honor* e *Call of Duty*. Ele era a arma padrão do Exército Americano durante a campanha. O M1-Garand¹¹ é

¹⁰ Estudante do Curso de Bacharelado e Licenciatura em História/UFPR. E-mail: gabrielgkdo@gmail.com

¹¹ Para observar uma versão audiovisual do funcionamento da m1 Garand: www.youtube.com/watch?v=76czumNjJs4&feature=relmfu

operado a gás e é semi-automático. Isso significa que respectivamente: o poder para engatilhar o fuzil vem do gás deixado pelo último disparo e ele atira a cada vez que o gatilho é puxado. Apesar de ser uma divisão de infantaria subordinada ao Exército Americano o Garand não foi entregue a FEB, como seria padrão. Em seu lugar foram entregues os M1903 Springfield¹², que, diferente dos Garands, são de funcionamento por ação de ferrolho, significando que, após cada disparo é necessário que o atirador engatilhe o fuzil manualmente, acionando uma alavanca lateral. Esse procedimento diminui muito a velocidade de ação e a precisão - pois o atirador perde a referencia do seu alvo ao acionar a alavanca manualmente após cada disparo - e consequentemente o poder de fogo da infantaria.

Esse problema pode não parecer tão grande quando observamos que os alemães utilizavam um fuzil de funcionamento parecido, o Kar 98k, aparentemente igualando o poder de fogo entre os adversários. Porém, a desvantagem das tropas da FEB se torna nítida através do exame da temida MG-42¹³ e outras armas automáticas. Conhecida também como Lurdinha, a MG-42 tinha uma cadência de disparo incrível e uma habilidade especial, a de troca de cano, que a possibilitava de atirar por horas, incessantemente, contra os aliados. Apesar do esforço aliado no emprego do fuzil automático Browning (BAR) e da metralhadora Browning .30, essas armas não possuíam a tecnologia para superar o armamento alemão, deixando a FEB em desvantagem contra o poder de fogo nazista.

Enfermagem

Gabriela Larocca¹⁴

Nicolle Tanner de Lima¹⁵

O acervo da sala Enfermagem diz respeito à atuação do Serviço de Saúde da FEB durante a II Guerra - enfermeiras, médicos e dentistas. Com o envio das tropas à Itália, fez-se necessário a formação de um grupo voltado para o atendimento médico, visto que inicialmente tal tarefa era função do serviço de saúde norte-americano. A exposição é composta por fotografias de enfermeiras, retratos pessoais ou em grupo, imagens de enfermeiros em um hospital de campanha, assim como da vista aérea do mesmo; uniformes dos profissionais, bandeiras, uma cadeira de dentista e instrumentos cirúrgicos e de pronto-socorro. Estes materiais representam não só as

¹² Idem para 1903 Springfield: www.youtube.com/watch?v=yJjKH7nPJas&feature=related

¹³ Idem para MG42: www.youtube.com/watch?v=N59msUnyy1g

¹⁴ Estudante do Curso de Bacharelado e Licenciatura em História/UFPR. E-mail: gabriela_larocca@hotmail.com

¹⁵ Estudante do Curso de Bacharelado e Licenciatura em História/UFPR. E-mail: nicolle.taner@yahoo.com.br

enfermeiras e enfermeiros, e é importante problematizar que o nome da sala poderia fazer menção aos outros atuantes da área de saúde.

O Serviço de Saúde da FEB constituiu-se de 1.369 homens e mulheres, sendo estes: 198 médicos, farmacêuticos, dentistas e intendentes; 68 enfermeiras; 225 sargentos, enfermeiros e funcionários administrativos; 176 cabos e 721 soldados. (RIGONI, 2010, pg. 57).

Os médicos da reserva foram recrutados através de estágios e os civis receberam cursos de emergência em Medicina Militar. Os estudantes passaram por um processo de seleção e por um curso militar, embarcando como sargentos ou aspirantes. Já na viagem os serviços dos enfermeiros e médicos foram necessários, pois ajudaram a atender os soldados desacostumados com o traslado marítimo. (RIGONI, 2010, pg. 57-59).

No caso do recrutamento das enfermeiras, o decreto que oficializava tal ação foi realizado em caráter emergencial, por solicitação do serviço de saúde americano, pois não havia efetivo suficiente para o atendimento aos brasileiros. Inicialmente, o governo procurou as estudantes da Escola Anna Nery, mas em virtude do baixo salário que receberiam e do fato de que não teriam posto militar, o recrutamento não obteve apoio da direção da instituição. (MORAIS, 374). Devido a tal fato, foram realizadas convocatórias em jornais, sendo que muitas moças se voluntariaram. (BERNARDES, 2005, pg. 315). As condições estabelecidas foram: ser solteira, viúva ou desquitada, de 22 a 45 anos e que possuísse qualquer diploma em Enfermagem – o que incluía cursos de auxiliares e socorristas. Antes de embarcarem, as moças receberam um curso extra de preparação militar (OLIVEIRA, 2007, pg. 425).

A inclusão de mulheres no Serviço Militar dividiu a opinião da sociedade brasileira: muitos acreditavam que as moças estavam sendo verdadeiras heroínas e muito corajosas, em deixar seu país para cuidar dos feridos; outros desaprovam o fato, alegando que a mulher tomaria o espaço do homem, e que “(...) isso era coisa de moças ‘que não prestavam” (MORAIS, 1949, pg. 403-19). Podemos perceber parte da estrutura social brasileira através dessas afirmativas: o papel da mulher na sociedade, dócil e caridosa, visto que sua tarefa na Guerra seria uma extensão do lar, de seu papel maternal e cuidadora dos filhos da Pátria-Mãe. (OLIVEIRA, 2007, pg. 425).

É importante ressaltar que durante a Guerra, faltaram-lhes materiais, tanto pessoais (o que foi suprido pelos americanos, como foi o caso de uniformes), quanto de trabalho, fazendo o melhor possível, como sugerem vários depoimentos de contemporâneos. Entretanto, quando voltaram ao Brasil, assim como a maioria dos soldados febianos, estas enfermeiras foram esquecidas, tanto pelo governo, como pelo Exército, já que foram desmobilizadas, apesar de seu desejo de continuar no

serviço militar, onde seriam úteis no atendimento aos feridos e mutilados no pós-guerra – não sendo chamadas nem ao menos para o Desfile da Vitória. (OLIVEIRA, 2007, pg. 427).

A exposição presente envolve inúmeros temas da história brasileira passíveis de questionamentos e debates, como: saúde, questões de gênero e o papel da mulher, higienização, cidadania e cultura. Nota-se que o papel dos agentes de saúde foi de extrema importância para o sucesso da participação brasileira na Guerra, entretanto, o museu não deixa claro para o visitante o contexto de seu recrutamento, a divisão de funções internas e a difícil reintegração na sociedade brasileira após o fim do conflito. Por meio do acervo seria possível levantar problemáticas acerca do ambiente e das dificuldades vivenciadas por tais homens e mulheres, além da criação da imagem de uma enfermeira dócil e submissa, que como as fotos da própria sala retratam, estavam sempre sorrindo e prontas para ajudar.

Acampamento

Vinicius Rodrigues Mesquita¹⁶

A sala do acampamento no museu do expedicionário se propõe a demonstrar um pouco do cotidiano do soldado brasileiro na Itália. Encontra-se nesta sala, uma barraca com materiais utilizados na campanha (roupas e utensílios), um fogão americano que era utilizado pela tropa brasileira, quadros, e exposição de uniformes de oficiais de alto escalão na FEB. O inverno Italiano de 1944/45 foi extremamente rigoroso. Contudo os infantess brasileiros, mesmo não habituados a condições climáticas demasiadamente gélidas, conseguiram fazer uma ótima campanha. Uma fotografia na sala mostra uma patrulha brasileira em plena neve sendo treinada por oficiais americanos, os soldados (brasileiros e americanos) utilizam capa de camuflagem de inverno e pranchas de Sky para poderem se locomover sem afundar na neve, materiais estes, cedidos pelo governo norte americano.

O Marechal Mascarenhas de Moraes no livro de sua autoria, “A F.E.B pelo seu comandante”, relata as dificuldades que compreenderam transformar uma organização militar brasileira, que antes funcionava segundo os moldes da “Escola Francesa”, em uma Divisão de Infantaria nos padrões militares Norte Americanos. Mesmo no navio, os soldados brasileiros notaram as diferenças de serem uma tropa incorporada ao 5º. Exército Norte Americano, seja pela disciplina exigida pelos oficiais estadunidenses, “a organização do cotidiano do Navio impressionou a tropa pela sua exatidão” (GONÇALVES, 2005), ou coisas como o paladar diferenciado, (costume

¹⁶ Estudante do Curso de Bacharelado e Licenciatura em História/UFPR. E-mail: viniciusrodriguesmesquita@yahoo.com.br

americano de ingerir comidas agrídoces). No livro Verdades e Vergonhas da Força Expedicionária Brasileira, o ex-sargento Leonécio Soares cita a ocasião em que um navio brasileiro atracou em Nápoles carregado de alimentos para os soldados brasileiros. O serviço médico aliado examinou a carga do navio e constatou que os alimentos enviados para os “febianos” estavam estragados. “Parece que houve uma ordem do Comando Superior Aliado: - Não mandem mais essas coisas!” O exército Americano começou então a abastecer as tropas brasileiras com produtos de maior qualidade, auxiliando em diversas provisões como, roupas, cigarro, comida e outros.

Durante a campanha na Itália houve uma diferenciação entre o exército que ficou no Brasil e o que foi para guerra. A predominância de civis na FEB e influência americana tornaram os soldados brasileiros da 2ª Guerra, componentes de uma força armada diferente do tradicional Exército, dito “do Caxias”. O “novo exército”, ou “exército da FEB”, submetido aos padrões americanos se preocupava com as boas condições de seus combatentes (CAVALCANTE DE ARRUDA, 1950). Os antigos padrões militares brasileiros baseados na hierarquia e patriarcado desfavoreciam os militares de mais baixa patente. Com a nova forma de organização os pracinhas começaram a presenciar um exército mais democrático. A qualidade da alimentação melhorou, os infantes que antes comiam mal receberam uma dieta mais calórica, os uniformes ineficientes e produtos de baixa qualidade deram lugar para os novos materiais americanos, mais adequados a situação de guerra. A aproximação entre os dois países era visível na política e cultura em geral. Com inspiração nos tabloides americanos os soldados da 6 R.I produziram um jornal da tropa, titulado “E a Cobra Fumou” com o nome de cabeçalho, “não registrado pelo DIP”, anedota que criticava o regime ditatorial brasileiro.¹⁷ Nas trincheiras da 2ª guerra, os pracinhas dispunham de mais liberdade de expressão do que antes no Brasil.

Outros materiais relacionados ao tema serão encontrados em diferentes espaços do Museu. A fotografia de um pracinha escrevendo uma carta enquanto descansa em sua barraca, está exposta no corredor ao lado da sala de petrechos pesados. Na sala de transportes estão expostos, sacos de pertences de infantes juntamente com uma ampla fotografia de um acampamento da FEB. Tais peças seriam melhor contextualizadas nesta sala do acampamento.

¹⁷ Departamento de Imprensa e Propaganda, ver <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/DIP>

Forças do Eixo

Lana Beatriz Baroni¹⁸

A sala denominada Forças do Eixo do Museu do Expedicionário reúne alguns objetos e fotos relacionados à Itália e à Alemanha. Tais itens possuem naturezas diversas entre as quais podemos citar capacetes, dinheiro, distintivos, revistas de propaganda Nazista, braçadeiras e selos postais, além de diversos objetos de uso pessoal como talheres e uma plaqueta de identificação. O espaço também abriga algumas fotos, sendo que duas delas estão indevidamente legendadas e mal localizadas por serem fotos da Normandia, local pelo qual a FEB não passou, mas genericamente as fotos deste ambiente se referem às tropas alemãs, principalmente no que diz respeito a rendição da 148ª DI à FEB, e à atuação dos brasileiros na Itália. No entanto, a maior referência e presença nesta sala é a temática das armas.

A respeito dos países do Eixo, devemos iniciar afirmando que a força de tais nações, principalmente pela sua propaganda, era superestimada por seus inimigos. Até os dias atuais, muitos aumentam o poder efetivo e dos líderes desses países tanto no âmbito interno de adesão à suas ideias e popularidade de suas figuras, quanto no âmbito externo da conquista de países e construção de um império. O discurso hegemônico sobre este assunto ignora ou menospreza, no entanto, a existência das resistências que fervilharam não só internamente à Itália e Alemanha, mas por todo o globo onde diversos grupos eram contrários aos regimes totalitários. Também se deve notar o fato de que a propaganda feita pela Itália e pela Alemanha combinado com o medo exacerbado que a Inglaterra e França tinham dos países do Eixo criou um mito da enorme força dos impérios totalitaristas, que possuíam armas ou recursos limitados e em alguns casos até mesmo ultrapassados¹⁹.

Dessa forma, podemos nos perguntar qual era a real força da Alemanha e da Itália na Segunda Guerra Mundial? Qual o verdadeiro impacto de suas ideologias na população? Em que aspectos esses países se aproximavam e em quais se afastavam do Brasil? E como a participação da FEB na guerra influenciou na luta contra o governo autoritário no país?

De forma bastante desorganizada o Museu do Expedicionário apresenta elementos que podem nos remeter aos questionamentos acima sem maiores explicações ou citar a importância das armas presentes no recinto, incluindo a MG-42, mais conhecida como “Lurdinha”, que foi a arma mais temida pelos brasileiros na guerra.

¹⁸ Estudante do Curso de Bacharelado e Licenciatura em História/UFPR. E-mail: lanabeatrice@gmail.com

¹⁹ Sobre este assunto é fundamental o texto de KENNEDY, P. Ascensão e queda das grandes potências. Rio de Janeiro. Campus, 1989.

Propaganda na Segunda Guerra Mundial

Antonio D. Greff de Freitas²⁰
Danilo de M. Prandi²¹

O Século XX foi marcado pelo uso intenso das mais diversas mídias propagandísticas para se conquistar objetivos, tanto ideológicos como econômicos. Antes mesmo da Segunda Guerra Mundial, a propaganda vinha sendo usada intensamente pelas potências que mais tarde estariam na Guerra. O Nazismo, sob a supervisão do então ministro alemão da propaganda Joseph Goebbels, usou das mais diversas mídias, tais como o rádio e o cinema, para ganhar força, justificar os esforços de guerra e também para difundir seus ideais de ódio e intolerância, principalmente contra os judeus, para a população alemã. Os Estados Unidos da América usou da propaganda para se aproximar de países da América Latina em busca de aliados, sendo o desenho Zé Carioca, feito por Walt Disney, o caso mais célebre desta tentativa de aproximação, neste desenho tendo em vista o Brasil²². O diretor Frank Capra foi contratado pelo governo Norte-americano para criar uma série de filmes para incentivar e justificar os esforços de guerra. Esta série foi denominada *Why We Fight?* (Por que Nós Lutamos?).²³

O Museu do Expedicionário em Curitiba possui diversos exemplares de propagandas de guerra, apesar de elas estarem aleatoriamente exibidas e misturadas com objetos em exposição que não são ligados ao tema. Dentre a exposição, encontram-se diversas fotos mostrando a dominação e a submissão ao Nazismo na Alemanha, réplicas impressas de cartazes e selos que eram divulgados pelas potências beligerantes para conscientizar sua população e caricaturar o inimigo. Estes cartazes eram publicidade dos bônus de guerra ou *War bonds*, que entre outros fatores, podiam proporcionar divisas para o governo, como também fazer com que o cidadão se sentisse envolvido com o conflito.

Dentro dessa perspectiva, vale salientar a importância das fotos que são exibidas, em muito por serem imagens clássicas da 2ª Guerra, como também por ocuparem um espaço relativamente grande da sala em questão. Nesse local é possível ver imagens que destacam combates, como *Kamikazes* mergulhando em navios americanos ou a imagem clássica do cogumelo formado pela bomba lançada em Hiroshima. Uma foto em particular chama atenção, é a foto tirada por Yevgeny Khaldei, retrata um soldado soviético tremulando a bandeira de seu país no alto do parlamento de Berlim, o que simbolizava a conquista da capital nazista. Porém, o detalhe dessa imagem recai sobre a manipulação que ela sofreu antes de ser

²⁰ Estudante do Curso de Bacharelado e Licenciatura em História/UFPR. E-mail: tonigreff@gmail.com

²¹ Estudante do Curso de Bacharelado e Licenciatura em História/UFPR. E-mail: danilo.prandi@gmail.com

²² Ver em: <<http://www.youtube.com/watch?v=lUMuOXpji6s>>

²³ Ver em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Mm3GsSWKyso>>

publicada, pois, em sua versão final foi adicionado nuvens negras, outra bandeira, e retirado um dos relógios do personagem retratado. Sem dúvida, essa manipulação demonstra que fotos também são usadas com o objetivo de propagar ideais, superioridade, buscar adeptos políticos, ou a legitimação do regime do país.

Durante a Segunda Guerra Mundial era comum o uso da propaganda para desmoralizar e enfraquecer o inimigo. O Museu expõe, na sala dos Petrechos Pesados, distante da outra em que se concentra a maior parte das propagandas, réplicas de panfletos criados pelos Nazistas que foram lançados sobre o exército brasileiro, colocando em dúvida sobre os verdadeiros motivos de o Brasil estar na guerra e oferecendo a oportunidade de uma rendição pacífica.

A Guerra que não acabou: pós-guerra, luta pelos direitos e a Legião Paranaense do Expedicionário

Bruna Estevão Costa Oliveira²⁴

Luís Fernando Costa Cavalheiro²⁵

Após o triunfo em Monte Castelo, a Força Expedicionária Brasileira, FEB, permaneceu em solo italiano por cerca de mais, aproximadamente, três meses, ocupando militarmente o território conquistado.²⁶ Criada, inicialmente, para dar prestígio e legitimidade ao governo ditatorial de Getúlio Vargas²⁷, a FEB foi extinta em 16 de julho de 1945, antes mesmo da chegada dos soldados ao Brasil. As vitórias febianas no *front* em sua corajosa luta contra o totalitarismo nazi-fascista transformaram a imagem da FEB de um braço forte ao governo em um perigo político que deveria ser dissolvido.

Quando aqui chegaram, os soldados foram recebidos em meio à festas e cumprimentos, conforme demonstra a fotografia, que enquadrou a multidão e uma faixa "*Bem vindo a pátria*". O jornal *O Globo* destacava "*um dia glorioso para o Brasil*", conforme foto da manchete, localizadas entre as salas Max Wolff Filho e o expositor dedicado a José Machado Lopes, no Museu. Entretanto, a realidade encontrada pelos soldados que retornaram não foi tão acolhedora. As garantias empregatícias e de manutenção de 50% do salário do período de guerra, oferecidas aos combatentes quando do alistamento, não foram cumpridas quando retornaram. Em solo brasileiro os ex-combatentes encontraram uma sociedade despreparada para compreender sua nova condição, e políticas que não garantiam e nem promoviam benefícios às suas necessidades. Não houve divulgação da imagem e importância dos febianos, o que

²⁴ Graduanda em História pela UFPR. Email: laymit@hotmail.com

²⁵ Graduando em História pela UFPR. Email: fernando_costa_cavalheiro@hotmail.com

²⁶ NASS, Sirlei de Fatima. *Legião Paranaense Do Expedicionário: indagações sobre a reintegração social dos febianos paranaense (1943-1951)*. Tese de mestrado em História pela UFPR. Curitiba, 2005, p. 53

²⁷ FERRAZ, Francisco C. A. . *À Sombra dos Carvalhos: Escola Superior de Guerra e Política (1948/1955)*. 1. ed. Londrina: Editora da UEL, 1999, p.131.

contribuiu para que se permanecesse no desconhecimento de seus feitos militares e com grandes dificuldades de readaptação.²⁸ E, ainda, a baixa escolaridade dos ex-combatentes foi um entrave para a reinserção no mercado de trabalho.²⁹

Nos Estados Unidos a reintegração foi mais efetiva e houve uma maior preocupação com os ex-combatentes. Desde 1942, o governo estadunidense realizava pesquisas com intenção de readaptar os sobreviventes da guerra à sociedade. Uma medida encontrada foi com o *G.I. Bill of Rights*, que garantia auxílio médico, estudo superior e auxílio desemprego aos veteranos de guerra.³⁰ A reintegração dos ex-combatentes nos Estados Unidos era modelo para o Brasil³¹, mas a realidade entre os países para com seus ex-combatentes foi bem distinta.

Em meio ao contexto do pós-guerra, muitos países viram a necessidade na criação de espaços destinados à composição de estudos e planejamentos para a Segurança Nacional. No Brasil, houve a criação da Escola Superior de Guerra, a ESG, nos moldes da americana *National War College*, resultado da aproximação entre Brasil e Estados Unidos, durante a Guerra. Osvaldo Cordeiro de Farias, Comandante de Artilharia da FEB e um dos mentores do Regulamento da ESG, entende, nesse sentido, que a “ESG brotou da experiência da FEB”.³²

Em contrapartida ao descaso com os ex-combatentes, houve a criação de associações cujas funções seriam tanto de reintegração, quanto de preservação da memória dos combates da Guerra. No Paraná houve também essa preocupação por parte de alguns ex-combatentes. Já em janeiro de 1946, uma reunião em um pequeno quarto de pensão em Curitiba foi espaço para dar início ao que seria, a partir de 20 de novembro daquele mesmo ano, à Legião Paranaense do Expedicionário, a LPE.³³ A intenção da LPE era garantir a reintegração social e profissional, assistência à saúde e a preservação da memória dos ex-combatentes paranaenses.

Mesmo com as dificuldades financeiras e a falta de um lugar fixo para prestar seus auxílios, a Legião encontrou outros locais para seus serviços e reuniões. Até que em 15 de novembro de 1951 foi fundada a Casa do Expedicionário. A partir de então, esta se tornou a sede da LPE, a qual estava sob a presidência de José Machado Lopes, principal articulador na captação de recursos para a construção da Casa – e que empresta seu nome à sala destinada à memória da LPE, no Museu. Agora, os ex-

²⁸ ROSA, Alessandro dos Santos. *A reintegração social dos ex-combatentes da Força Expedicionária Brasileira (1946-1988)*. Tese de mestrado em História pela UFPR. Curitiba, 2010, p.71.

²⁹FERRAZ, Francisco C. A.. Tão próximos, tão distantes: o pós-guerra dos ex-combatentes do Brasil e dos Estados Unidos. In: OLIVEIRA, Dennison (org.). *A Força Expedicionária Brasileira e a Segunda Guerra Mundial – Estudos e Pesquisas*. Página. 44. Disponível em: http://www.humanas.ufpr.br/portal/historia/files/2011/10/livro_final.pdf (acesso em 31 de maio de 2012)

³⁰ Idem, p. 46

³¹ Idem, p. 41-42.

³² FERRAZ, op. cit. p.143.

³³ SIRLEI, op. cit. p. 97.

combatentes possuíam um abrigo, para aqueles que eram desabrigados ou que estavam de passagem pela capital, além de lugar fixo para procurar quando de suas necessidades. Da necessidade de manter a memória da guerra e da Legião, e esgotada sua função assistencial, o prédio da Casa do Expedicionário passou a ser o exclusivamente o atual Museu do Expedicionário, em 29 de julho de 1980.

À sala destinada à memória da LPE no Museu contém, em destaque, retratos de dez ex-combatentes paranaenses ainda vivos – sem, no entanto, haver uma legenda que indica a relevância dos retratos. Logo abaixo das fotos está uma vitrine com alguns objetos de momentos diferentes da LPE. Na distribuição da sala há mais duas vitrines, uma com medalhas e outra com artefatos festivos. Das festividades encontramos também diversas fotos em murais na sala.

Embora um espaço próprio e constituído para a memória dos feitos de guerra e da LPE, o que está silenciado e sem visibilidade é a dura luta pela qual passaram os ex-combatentes para reintegrar-se à sociedade. Expor dificuldades, procuras, auxílios e conquistas conjuntas entre a LPE e aqueles que um dia participaram das glórias da Segunda Guerra poderia ser uma bela forma de demonstrar o principal caráter de uma guerra: a presença humana e o que dela restou após os conflitos. Poderia ser também um ato de publicizar as dificuldades que a LPE teve até lograr atender com seus auxílios a quem foi desamparado.

História da Legião Paranaense do Expedicionário e Memória de Guerra

Ana Karen Vieira Guimarães³⁴

Esta seção tratará da sala em que está representada a Legião Paranaense do Expedicionário (LPE), onde se encontram fotografias de membros da FEB, quadros – como o de Getúlio Vargas - medalhas, documentos oficiais da LPE, máquinas fotográficas, artefatos religiosos, etc.

A LPE foi fundada em novembro de 1946, constituindo associação de caráter apolítico e de mútua cooperação entre ex-combatentes, visando promover a efetiva reintegração dos ex-combatentes à sociedade, assistência médica, econômica, social e, algumas vezes jurídica. Sua fundação se deve, em parte, pelo desejo de afastamento da AECB (Associação dos Ex-combatentes do Brasil), que contava com parte dos veteranos paranaenses, pois tal instituição estava se aproximando dos ideais comunistas. Ao longo de sua história, a LPE contou com o apoio da iniciativa privada, de intelectuais e profissionais liberais. As primeiras sedes da Legião, por

³⁴ Estudante do Curso de Bacharelado e Licenciatura em História/UFPR. E-mail: batatainsana@hotmail.com

exemplo, foram concedidas por empresas e sociedades, até que a Casa do Expedicionário fosse inaugurada em 1951.

No entanto, que apoio tiveram do governo, esses oficiais e praças? Qual a eficácia das previstas leis de amparo? De fato, como se deu a reintegração dos veteranos à vida civil?

Ora, antes mesmo da criação das associações de veteranos já existiam algumas leis de amparo aos ex-combatentes. Leis criadas com o intuito de garantir, no pós-guerra, um retorno confortável aos cidadãos que foram convertidos em soldados. Estas estipulavam que os veteranos teriam o direito de voltar aos seus antigos empregos e receberiam 50% de seus respectivos salários, enquanto durasse a campanha. Além da garantia de preferência aos cargos públicos. Entretanto, muitas foram as denúncias de desrespeito à legislação. Logo após voltar as suas antigas funções, muitos praças eram demitidos. Ainda, em alguns casos, os esquemas de clientelismo minavam as possibilidades de ingressar no funcionalismo público. E é neste aspecto, que as associações de veteranos – e entre elas a LPE - foram extremamente importantes no processo de reintegração dos ex-combatentes, reivindicando direitos, buscando ocupações e dando assistência.

Max Wolf Filho

Solange de Lima³⁵

O Tenente Max Wolf Filho nomeia a última sala do Museu do Expedicionário, batizado originalmente com seu nome. O paranaense, nascido no município de Rio Negro em 29 de julho de 1911, é considerado um dos maiores, senão o maior herói da Força Expedicionária Brasileira.

Max Wolf alistou-se como voluntário para a FEB, bem como o voluntariado se fez presente na maior parte dos seus atos no *front*. Destacou-se por liderar patrulhas de reconhecimento e por não deixar para trás os feridos na chamada “terra-de-ninguém.” Seus atos de bravura não ficavam limitados somente ao número de inimigos abatidos e a exemplar disciplina demonstrada, mas também por sua coragem e destreza no resgate de seus companheiros feridos.

Wolf foi condecorado várias vezes, tanto pelo exército brasileiro quanto pelo norte-americano. Em sua seção no Museu é possível encontrar expostas as medalhas que recebeu, como a Cruz de Combate 1ª Classe, Medalha “Sangue do Brasil”, Medalha de Guerra, Medalha de Campanha e a *Bronze Star* do exército norte-americano. Morreu em 12 de abril de 1945, e é lembrado pelos seus contemporâneos

³⁵ Estudante do curso de mestrado em História/UFPR. E-mail: soll_evilqueen@yahoo.com.br

como grande patriota e exemplo de militar. As condições de sua morte e o resgate do seu corpo ainda causam polemica.

Porém, a sua história na FEB não se destaca somente pelos seus feitos heróicos, mas também por sua biografia. Wolf, além de ter nascido em dos grandes núcleos de colonização alemã, possui origem germânica. Neto de um coronel da Guarda Nacional nasceu em uma região que presenciou dois grandes combates da história brasileira, a Revolução Federalista e o Contestado. Durante os dois grandes conflitos mundiais, Rio Negro também sofreu uma série de eventos violentos, protagonizados pela população contra os imigrantes. Acontecimentos que podem ter influenciado Wolf diretamente.

Outros fatores que também podem ter determinado o seu comportamento, muitas vezes descrito como suicida por seus companheiros de *front*, é o fato de que possivelmente possuía problemas com seu pai de origem austríaca, o que justificaria a garra com que lutava contra os alemães. E ainda o fato de seu casamento ter fracassado. Wolf muitas vezes demonstrava um desapego a sua própria vida, bem como realizou um grande esforço para conseguir embarcar para a Itália rumo à guerra. Ele possuía uma idade avançada para o serviço militar e ainda limitações físicas, que foram vencidas a fim de poder fazer parte da FEB.

Representações da Morte

Tairon Villi³⁶

O Museu do Expedicionário, desde o início de sua atual instalação em 1980, tem por função, também, lembrar e homenagear os soldados paranaenses que lutaram na Campanha da Itália, na II Guerra Mundial. Esses soldados eram chamados pracinhas e conseguiram importantes vitórias para os Aliados. Entretanto, muitos destes não retornaram para suas casas, eles tombaram em combate. Tombar em combate significa morrer. No total 28 pracinhas paranaenses perderam suas vidas na guerra. Estes estão homenageados, ainda hoje, dentro e fora do museu, pois, no interior da casa existem duas salas com fotos dos soldados paranaenses mortos, a saber, no Cantinho da Saudade, que fica dentro do auditório e guarda um mural com fotos e alguns dados dos ex-combatentes; há também um painel de fotos, menor, mas nos mesmos moldes, em frente à sala Max Wolff Filho. E na praça em frente ao MEXP existe uma placa em granito preto com o nome de cada deles com a inscrição “Veteranos paranaenses mortos em combate na Itália”, onde lhes são prestadas homenagens. O que nos parece muito pouco para um assunto tão importante. O fato do espaço na praça dedicado à memória dos mortos servir eventualmente de

³⁶ Estudante do Curso de História - Memória e Imagem/UFPR. E-mail: tairon_snow@yahoo.com.br

estacionamento de automóveis desvaloriza e desmerece aqueles que morreram em combate.

Mas nem sempre foi assim. No início muito mais atenção era dada ao assunto, que de forma alguma pode ser negligenciado em se tratando de guerra. Até os anos 1990 ainda existia sala "D", que ficava no segundo andar. O espaço ficava em um corredor que ligava as duas alas superiores da casa e hoje é utilizado para atividades burocráticas. No local, que era chamado de "espaço da lembrança" ou "espaço do sofrimento" existiam painéis com fotos referentes à morte na guerra, e também eram expostos equipamentos de soldados mortos. A sala ficava com a luz baixa, o que reforçava o clima fúnebre e a lembrança dos horrores e violência da guerra.

Contudo, a morte é um assunto que vem sendo deixado de lado no museu, devido a uma tendência museológica mundial que surgiu no fim do século XX - período em que a sala "D" deixou de existir - onde se propõe a negação da morte e do sofrimento, em detrimento de expor claramente os horrores da guerra.

Mas o que é de suma importância é lembrar que morte é indissociável da guerra, e que não são apenas números que caem, mas são vidas que são arrancadas. E a esse respeito fica a orientação, para quem se interessar pelo tema, assistam o documentário *Nós que aqui estamos por vós esperamos*, 2000, do diretor Marcelo Mazagão.

Hiroshima e Nagasaki

Augusto Alves³⁷

'Meu Deus, o que foi que nós fizemos'? Eram 8hs, 16mins, 8s do dia 6 de agosto de 1945, uma segunda-feira. Foi a primeira reação de um dos tripulantes do avião Enola Gay após presenciar a devastação produzida pela primeira bomba atômica jogada sobre uma cidade povoada. O bombardeiro B-29 pilotado pelo coronel Paul Tibbets decolou da base aérea de Tinian, no arquipélago das Marianas no Pacífico Ocidental a aproximadamente 6 horas de vôo do Japão. A meteorologia determinou a escolha do dia 6. No momento da decolagem o tempo estava bom. O capitão da marinha William Parsons armou a bomba durante o vôo, desarmada durante a decolagem para minimizar os riscos. O ataque foi executado como o planejado, a arma de fissão com 60kg de Urânio - 235 comportou como esperado, "Little Boy" o nome da bomba.

Eram 3 aviões: o Enola Gay, o The Great Artist (O Grande Artista) e o Necessary Evil (Mal Necessário). O primeiro transportava a bomba, o segundo gravava e monitorava toda a missão, e o terceiro era encarregado de filmar e

³⁷ Estudante do curso de História - Memória e Imagem/UFPR. E-mail: augustodusguinho@hotmail.com

fotografar a explosão. A bomba explodiu a cerca de 580 metros acima do solo com potência equivalente a 13 mil toneladas de TNT matando instantaneamente um número estimado em 80 mil pessoas e destruindo mais de 90% das construções da cidade. No total com a radiação chegou a 140 mil mortos.

Na manhã do dia 9 de agosto três dias depois da primeira bomba o B-29 batizado de Bock's Car, pilotado pelo major Charles W. Sweeney carregou a bomba de nome "Fat man" para seu alvo, a cidade de Kokura, em Fukuoka. Mas o tempo nublado impediu a visualização da cidade, sendo escolhido a segunda opção, a cidade de Nagasaki. Ela era a maior comunidade cristã do Japão, o maior e mais importante porto de mar do sul do Japão, tinha uma atividade industrial de grande importância produzindo canhões, munições, navios, equipamentos militares e outros materiais de guerra.

O capitão Kermit Beahan ao avistar o alvo solta a "Fat man". Eram 11 horas e 2 minutos da manhã. A carga de 6.4Kg de plutônio-239 com potência equivalente a 22 mil toneladas de TNT, 1 vez e meia mais potente da que foi jogada em Hiroshima. Os americanos não consideravam Nagasaki "um alvo ideal" porque a cidade é rodeada por montanhas o que diminuiria a devastação de gente e de edifícios. A explosão foi a 470 metros a cima do solo. Cerca de 40 mil foram mortos instantaneamente e entre 30 mil e 60 mil ficaram feridos. Os mortos chegaram a 80 mil incluindo os que morreram pela radiação.

Em acréscimo ao calor e ao impacto, a bomba atômica trouxe uma terceira forma de morte, particularmente traiçoeira: a radiação. Uma pessoa exposta a bomba começava a cair o cabelo, acompanhado de outros sintomas como pequenas bolinhas avermelhadas na pele e sangramento da gengiva. Em seguida as vítimas começavam a se sentir cansadas. Entre 3 e 10 dias após o aparecimento desses sintomas as pessoas morriam. Descobriu-se que a radiação, tendo penetrado a medula óssea e as glândulas linfáticas, destruía os glóbulos brancos do sangue e tinham características mutagênicas. Essas sequelas duraram décadas.

Curitibanos na Luftwaffe: histórias quase anônimas

Isabelle Giotto Rocker³⁸

Ser um curitibano nascido nos anos de 1920 significava ter uma vida e alternativas de futuro distintas de hoje – a política, a economia, a vida social e familiar tinham outros contornos. Neste período, o leque do que poderia vir a acontecer teve algo particularmente inusitado para aqueles que nasceram na cidade, como muitos, mas os pais eram alemães. Estes jovens descendentes viviam em um país que dentro em breve romperia relações com a Alemanha (1942), ficando com os Aliados na II Guerra. Como era se sentir brasileiro e alemão ao mesmo tempo? Estando em Curitiba, morava-se em solo amigo ou inimigo? Como iriam tratá-los? Estas duas histórias dão um pouco de ideia do que pode ter sido esta experiência. Norberto Toedter nasceu em Curitiba em 1929. Conta que morava com os pais, alemães, em uma casa agradável na rua Carlos de Carvalho. Andava de bicicleta pela cidade, frequentava uma escola e grupos recreativos germânicos. O pai, “que não seria capaz de qualquer ação subversiva”, foi detido no presídio do Ahú, por representar uma ameaça nazista, segundo relata. A mãe, secretária no consulado alemão local, optou por voltar para Hamburgo, na Alemanha, e o governo brasileiro autorizou a saída de toda a família. Em meio à guerra em território alemão, o adolescente Toedter conta ter feito parte da *Deutsches Jungvolk* (organização nazista para jovens), sido voluntário na Luftwaffe (força aérea nazista) aos 15 anos e preparado trincheiras em seu bairro quando soviéticos entravam no país. Em uma derradeira convocação do exército, diz ter inventado que fez um juramento de neutralidade na viagem de vinda do Brasil, argumento aceito, fazendo-o escapar dos confrontos finais e perdidos.

Uma outra história é a de Egon Albrecht, nascido no bairro do Boqueirão em Curitiba em 1918. Pouco se sabe sobre o que ocorreu entre a vida curitibana até a ida à Alemanha, mas temos notícias do que vivenciou lá. Recrutado pelo III Reich, Albrecht viveu o lado brutal da guerra nas frentes ocidental e oriental. Como piloto de caça, foi condecorado com a Cruz de Cavaleiro da Cruz de Ferro, a principal distinção da força aérea nazista. Consta que morreu em combate aos 26 anos, após o seu avião ser abatido no ar, na França logo após o desembarque Aliado na Normandia (junho/1944).

Sabemos que houve um apelo de Hitler no sentido de que as pessoas de descendência germânica vivendo fora da Alemanha, não só podiam, mas deveriam se juntar ao Reich para garantir sua expansão. Alguns foram, outros não. O que teria

³⁸ Estudante do Curso de Bacharelado e Licenciatura em História/UFPR. E-mail: isabellerocker@uol.com.br

acontecido com Albrecht? Esta resposta ainda está em aberto. Mas, o que é possível concluir destas breves reflexões traz algo talvez menos objetivo e não menos doloroso: a multiplicidade de vivências, aflições e conflitos étnicos e humanos gerados na II Guerra, o maior e mais devastador embate sofrido pela humanidade em sua história. E acabou há apenas 67 anos.

Referências

- BERNARDES, M. M. R. ; LOPES, G. T.; .SANTOS, T. C. F. **O Cotidiano das Enfermeiras do Exército na Força Expedicionária Brasileira no teatro de Operações na 2ª Guerra Mundial**. Revista Latino-Americana de Enfermagem (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, v. 13, n. 3, p. 314-321, 2005.
- BONALUME NETO, R. **A nossa Segunda guerra: os brasileiros em combate (1942 – 45)**. Rio de Janeiro, Expressão e Cultura, 1995. Pp. 119 – 224.
- CAVALCANTE DE ARRUDA, D. (org.) **Depoimento de Oficiais da Reserva sobre a FEB**. Progresso Editorial, São Paulo, 1950.
- Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.
- FERRAZ, F. C. A. **Os veteranos da FEB e a sociedade brasileira** In: CASTRO, Celso Castro, IZECKSON, Vitor Izeckson e KRAY, Hendrik. Nova história militar brasileira. Rio de Janeiro, FGV, 2008.
- _____, FERRAZ, Francisco C. A. **À Sombra dos Carvalhos: Escola Superior de Guerra e Política (1948/1955)**. 1. ed. Londrina: Editora da UEL, 1999, p.131.
- KENNEDY, P. **Ascensão e queda das grandes potências**. Rio de Janeiro. Campus, 1989.
- LIMA, R. M. **Senta a Pua!** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1980, 451 p.
- NASS, S. F. **Legião Paranaense do Expedicionário: Indagações sobre a reintegração social dos febianos paranaenses (1943 – 1951)**. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 2005. Dissertação de Mestrado em História.
- MAXIMIANO, Cesar Campiani & OLIVEIRA, Dennison de **Raça e Forças Armadas: o caso da Campanha da Itália (1944-45)**, Revista Estudos de História, v.8, n.1/2001 - p.157-184 - Editora Olho d'Água - São Paulo.
- _____, & GONÇALVES, José. **Irmãos de Armas: um pelotão da FEB na II Guerra Mundial**. São Paulo: Codex, 2005
- MORAIS, Berta. **Testemunho de uma enfermeira** In: Depoimento de Oficiais da Reserva sobre a FEB. Progresso Editorial, São Paulo (SP). p. 403-19.
- MORAES, J. B. Mascarenhas de. **A FEB pelo seu comandante**. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1947.
- O'CONNEL, R. **História da Guerra: armas e homens**. Lisboa, Teorema, 1992.
- OLIVEIRA, A. B.; SANTOS, T. C. F. **Entre ganhos e perdas simbólicas: a (des)mobilização das enfermeiras que atuaram na Segunda Guerra Mundial**. Escola Anna Nery. Revista de Enfermagem, v. 11, p. 523-539, 2007.
- OLIVEIRA, D. **Os Soldados Alemães de Vargas**. Curitiba, Ed. Juruá, 2008.
- _____, **Os soldados brasileiros de Hitler**. Curitiba. Juruá, 2008.
- _____, (org.) **A Força Expedicionária Brasileira e a Segunda Guerra Mundial – Estudos e Pesquisas**. Rio de Janeiro, CEPHIMEx, 2012. Disponível em http://www.humanas.ufpr.br/portal/historia/files/2011/10/livro_final.pdf Acessado em 12/06/2012.
- _____, **Guia do Museu do Expedicionário 2011**. Disponível em http://www.humanas.ufpr.br/portal/historia/files/2011/10/guia_museu_expedicionario.pdf f Acessado em 12/06/2012.

RIGONI, Carmen Lúcia. **Nas trilhas da segunda guerra mundial**: as experiências, as vivências e os sentimentos do soldado brasileiro. Curitiba: Torre de Papel, 2002.

_____, **Diários de Guerra I. Anjos de Branco**: o Serviço de Saúde da FEB na Itália salvando vidas (1944-1945). Curitiba: Editora Progressiva, 2010.

ROSA, A. S. **A reintegração social dos ex-combatentes da Força Expedicionária Brasileira** (1946-1988) Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2010. Dissertação de Mestrado em História.

SEITENFUS, Ricardo. **O Brasil vai à guerra**: o processo de envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial. Barueri, Manole, 2003.

SOARES, Leonercio. **Verdades e vengonhas da Força expedicionária Brasileira**. Curitiba, edição do autor, 1985.

TOEDTER, N. **...e a guerra continua** – Palco e bastidores da 2.a Guerra Mundial. Curitiba, 2001.

TOTA, Antonio Pedro. **O imperialismo sedutor**: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra Mundial. São Paulo, Cia. das Letras, 2000.